



**Cultura, Europa e Mundialização.
Dez anos depois de *O Esplendor
do Caos* de Eduardo Lourenço**

João Tiago Pedroso de Lima

RESUMO:

1. Um caso singular numa obra consagrada.
2. Como apresentar *O Esplendor do Caos*? Que caos? Que esplendor? Uma hipótese de leitura: o mundo como catarata de imagens.
3. Dez anos depois

PALAVRAS-CHAVE:

Eduardo Lourenço,
Caos, Europa, América,
História, Luz e Imagens.

1.

O Esplendor do Caos representa, no vasto conjunto da obra ensaística de Eduardo Lourenço, um caso singular. Há alguma dificuldade em situar este livro, cuja primeira edição perfaz agora dez anos, em relação aos outros títulos do autor. Se nos reportarmos apenas àquilo que foi publicado anteriormente, observamos que *O Esplendor do Caos* não é uma obra de história da cultura ou das ideias (como talvez o devam ser considerados *O Labirinto da Saudade ou Portugal Como Destino*), não é ensaísmo literário (ao jeito dos múltiplos volumes e escritos dispersos dedicados a Pessoa, Antero, Camões, Torga e a tantos outros), não é filosofia em sentido estrito (ao passo que *Heterodoxia I e II* ou *Montaigne ou la Vie Écrite* cabem com certeza dentro desta designação). Por outro lado, não se trata ainda de análise ou de comentário político (*Militares e Poder*, *Situação Africana*, *Fascismo Nunca Existiu*, *Complexo de Marx*), tão pouco reflexão estética ou crítica de artes plásticas (*Espelho Imaginário*). Por fim seria tentador relacionar *O Esplendor do Caos* com os múltiplos textos que Eduardo Lourenço dedica à Europa e aos desafios do seu destino histórico. Tentador, porquê? Porque a Europa é, sem dúvida, como iremos ver, uma das personagens mais relevantes desta obra, mesmo, ou sobretudo, quando a luz que sobre ela incide tem a sua fonte do outro lado do Atlântico. No entanto, *O Esplendor do Caos* demarca-se de *Nós e a Europa ou as duas razões* e de *A Europa desencantada* porque o seu alcance é mais lato, ocupando, por isso, um território muito próprio, sendo essa, de resto, uma das razões que justificam o nosso interesse aqui e agora.

Começámos por dizer que se trata de um livro que, embora contenha textos que foram sendo redigidos e publicados durante toda a década anterior, foi editado em 1998 ou seja, um ano que, nas palavras do próprio Eduardo Lourenço, deverá ser considerado “memorável”¹, pelo menos é assim que o ensaísta o define num texto de balanço que aparece na *Visão* em Dezembro. Recordemos brevemente esse ambiente marcado por uma hoje desconcertante euforia: Portugal via-se finalmente *européu*, a Expo 98 conhecia um êxito tremendo, Saramago recebia o Prémio Nobel da Literatura, assistia-se a um (aparente?) triunfo do modelo das democracias liberais, enfim, o país e o mundo (ou, pelo menos, o mundo tal como é visto pelos olhos do país) convertiam-se em quase espectáculo feérico.

Numa entrevista concedida nesse mesmo ano em que *O Esplendor do Caos* foi dado à estampa, Eduardo Lourenço referiu-se-lhe nestes termos, deixando assim uma nota dissonante em relação ao clima festivo de 1998: é um livro em que “aparecem vários aspectos da forma como vejo o mundo actual. E há sem dúvida uma certa nostalgia de um estado de coisas mais compreensível, mais harmonio-

so”². Não é estranho que essa saída do tom tenha passado quase despercebida. O esplendor parecia estar então a vencer o caos.

2.

Como apresentar *O Esplendor do Caos*? De que caos se trata? E que esplendor é esse? Como se relacionam esses dois termos que à primeira vista se diriam antinômicos? Segundo Eduardo Lourenço, “de súbito, tivemos (temos) a sensação de estarmos, pela primeira vez, perdidos num deserto paradoxalmente convertido no paraíso do nomadismo universal. Em parte alguma um centro, nenhum indício no horizonte que possamos assimilar a um ponto de fuga, uma abertura no estado de perplexidade que nenhum recurso ao passado possa resolver”³. Uma primeira pergunta surge inescapável: o que significa este *nós* que se acha perdido sem dispor de qualquer ponto de referência? Ou ainda: não decorre a noção de que falta um centro de uma perspectiva que está, por sua vez, situada? Por outro lado, como considerar o conceito de nomadismo sem admitir uma sede em relação ao qual ele se contraponha? Assim, revela-se imprescindível determinar, quanto antes, quem vive essa sensação de estar perdido num deserto. Eduardo Lourenço não o escreve explicitamente, mas admitamos, como hipótese metodológica, que este *nós* possa ser um heterónimo de uma Europa que navega sem carta de marear. A metáfora talvez seja ajustada, pois, como escreverá anos mais tarde o ensaísta, “foi sempre como um barco que o imaginário europeu se representou o seu destino viajante – barca de Noé, barco de Ulisses, nau dos loucos, nau redentora de Colombo – levando a bordo a humanidade inteira”⁴. Incapaz de perceber um mundo, que já não é o *seu* mundo (mas alguma vez o terá sido em termos absolutos?), a humanidade europeia, para recuperar a expressão de Husserl na famosa conferência de Viena, não encontra na História (melhor seria dizer nas suas múltiplas Histórias) nenhuma bússola que a conduza a bom porto. E, no entanto, isso não parece causar angústias. Pelo contrário, pois, para Eduardo Lourenço, “pode discutir-se se a desordem em que estamos mergulhados – desde a económica até à da legalidade e da ética – releva ou não, em sentido próprio, do conceito de caos. Do que não há dúvidas é de que o habitamos como se fosse o próprio esplendor”⁵. Há como que uma invisibilidade do próprio caos onde nos descobrimos mergulhados. Ou, para usarmos uma expressão do próprio livro de aqui nos ocupamos, depois de um século marcado pelo horror da tragédia moderna (Auschwitz, Gulag), tudo se passa como se vivêssemos numa “cultura que não se alimenta senão da rasura do trágico”⁶.

Daí que avancemos com a seguinte hipótese de interpretação: gostaríamos de ler *O Esplendor do Caos* como um ensaio sobre as imagens cinematográficas ou

televisivas do mundo, já que, mais do que convocar obras literárias, Eduardo Lourenço dialoga, neste livro, sobretudo com personagens e mitos do imaginário de Hollywood. Por isso defendemos a tese de que *O Esplendor do Caos* é uma espécie de *imagologia* (conceito que, como se sabe, surge pela primeira e até agora única vez em *O Labirinto da Saudade*) num mundo global. Ou porventura ainda, como um ensaio que perspectiva o mundo globalizado enquanto **cataratas de imagens** (cinematográficas ou televisivas, esplendorosas e caóticas). De onde nascem essas cataratas de imagens? Certamente do país e da cultura que, como dizia uma personagem de Francis Ford Coppola em *Do Fundo do Coração*, tem uma difícil relação com a luz. “You know what’s wrong with **America**, don’t ya? – What? – It’s the **light**”⁷. De facto, e ainda segundo Eduardo Lourenço, “como outrora os nossos missionários (...) tornavam possível o fenómeno transcendente na ordem histórica a que chamamos *colonização*, sem o terem feito expressamente (...) os criadores do império das imagens de Hollywood, primeiro sob a forma de cinema e hoje de televisão (...) tornaram, por assim dizer, não só fatal, mas *natural*, a universalização do modelo cultural americano (...) *Televisivamente*, todos somos já americanos”⁸. Que resta, assim, da cultura, pelo menos, tal como a modernidade europeia a configurou enquanto espaço essencialmente autónomo⁹? Que fazer quando “vivemos sob um regime absoluto de bombardeamento informativo, numa espécie de vigília contínua, sem termos a possibilidade de (...) fechar os olhos”¹⁰?

120

Claro que esta forma de colocar o problema pode ser considerada ainda excessivamente europeia, pois é bem provável que os Estados Unidos, por difícil que seja fazer deles um *sujeito* homogéneo, não experienciem este tipo de inquietações metafísicas. Talvez não tenha sido por acaso que *Do Fundo do Coração* conduziu Coppola à bancarrota, ao mesmo tempo que se tornou um *cult movie* na velha Europa. Como afinal são demasiado *europeias* algumas alternativas a esta espécie de hipnose televisiva. Por exemplo, Octavio Paz, curiosamente um americano (mas se é um facto que *todos somos americanos*, a verdade é que há alguns mais europeus do que outros...) pretende despertar-nos dessa vigília contínua, passe o paradoxo da expressão. Assim, Eduardo Lourenço evoca o escritor mexicano que “supôs recentemente que a humanidade futura se dividiria em duas raças: a dos homens livres e poderosos, aqueles que *lêem*, e os outros, aqueles que olham para a *televisão*”¹¹. Contudo, para vencermos o *bombardeamento informativo* talvez não baste desligar a *caixa que mudou o mundo*. E por isso Eduardo Lourenço comenta “É pena que [Octávio Paz] não tenha posto entre os *poderes* os que não lêem nem vêem televisão, mas são os senhores da televisão”¹².

Ora, a pergunta que importa formular talvez passe exactamente por determinar quem são os *senhores da televisão*? Quem detém o poder sobre as imagens? Somos televisivamente americanos, mas o que significa ser americano?

Recordemos que, na primeira metade do século passado, filósofos como Edmund Husserl ou Karl Jaspers, por exemplo, não hesitavam em afirmar a pertença dos Estados Unidos à cultura europeia e, ao fazê-lo, limitavam-se a fazer eco de uma espécie de *sensus communis* da época. Os Estados Unidos não eram ainda vistos como exterior (nem como interlocutor, menos ainda como ameaça) da Europa, como contraste de uma cultura que se vai estendendo planetariamente sem, contudo, perder o seu centro originário.

Hoje as coisas parecem ser diferentes. Numa formulação que não deixa de ser algo contraditória com o modo como definiu o caos, Eduardo Lourenço não hesita em nomear a América como “centro hegemónico do mundo”¹³. O que não significa que a solução para nos orientarmos no caos (se é que qualquer coisa como isso seja, em rigor, pensável) passe por diabolizar o outro lado do Atlântico, tendência que, afinal, pode ser sintoma de uma inclinação imediata de uma certa *intelligenza* do Velho Continente. No caos, como vimos, o problema não consiste em mudar de centro. Se alguma coisa o caos pode significar é precisamente a ausência de centro, de qualquer centro. Deste modo, Eduardo Lourenço defende que “é inútil declamar contra o que seria o novo, e talvez a forma bem mais sucedida do imperialismo de todos os tempos(...), [pois] culturalmente essa hegemonia não é de *ninguém* e é de *todos* (...). *Tudo é cultural*. Ou nada o é. O que (...) era provocação para Duchamp tornou-se em Andy Warhol consagração”¹⁴. Num certo sentido, é como se americanos fôssemos todos e ninguém verdadeiramente o fosse, paradoxo que fenómenos como o *11 de Setembro* ou até as eleições do próximo mês, na sua radical diversidade, talvez ajudem a perceber melhor.

Ora, voltando a *O Esplendor do Caos*, se contemporaneamente tudo é cultural, dever-se-á reconhecer também que passámos a viver num mundo que experiencia “a total desideologização do signo cultural até à sua provocante perversão”¹⁵, de que é espantoso exemplo o modo como, televisivamente, a muralha da China serve “de pano de fundo às *performances* da Renault [a bem dizer da Citroën]”¹⁶.

3.

Para concluirmos esta revisitação de *O Esplendor do Caos*, impõe-se um breve balanço, dez anos volvidos. Não se trata, ainda assim, de aferir o que havia de novo no diagnóstico de então (estamos num domínio e perante um pensamento

que não se deixa domesticar com essa facilidade simplificadora...) mas, sobretudo, de aproveitar algumas das pistas lançadas então, com o fim de tentar perceber o que hoje vai ou não vai acontecendo. Para esse efeito, peguemos num dos ensaios de *O Esplendor do Caos* quase ao acaso. Trata-se de um artigo, inicialmente aparecido no *Público*, durante o Verão de 1995¹⁷, e que evoca os cinquenta anos do lançamento da bomba atómica em Hiroxima. O que Eduardo Lourenço aí sublinha é precisamente o facto de o mundo (e não apenas os Estados Unidos ou o Japão), se mostrar incapaz de pensar essa espécie de não-acontecimento que, meio século depois, continua a ser Hiroxima. A categoria de *não-acontecimento* (e repare-se como se trata de uma expressão, a de *não-acontecimento*, que é cada vez mais recorrente no discurso contemporâneo) radica no facto de os instrumentos conceptuais tradicionalmente empregues terem perdido a sua eficácia. A analogia com Auschwitz, de que também se disse (com justeza, de resto) ser impensável, não parece servir. É que, apesar de todos os esforços em colocá-lo fora da história (esforços tanto mais louváveis porquanto se visa dar conta da sua condição inominável), Auschwitz “tem um *responsável*, um sujeito que é, ao mesmo tempo, um homem com um nome mítico, e um *povo* colectivamente culpabilizado pelos outros, que pensam nada terem a ver com o crime dos crimes”¹⁸. Claro que têm. E, por seu turno, Hiroxima também tem responsáveis. Ainda assim, seria demasiado fácil pensar que nós, os europeus, por exemplo, também nada temos a ver com isso. A verdade é que talvez o problema seja outro, pois Hiroxima não inaugura apenas, como é usual dizer-se, a era atómica. Em páginas especialmente impressionantes, Eduardo Lourenço sublinha como, “primeiro do que ninguém, a eurovietnamita Marguerite Duras compreendeu que o tempo de Hiroxima, o acontecimento-Hiroxima, inauguravam uma outra história, a que se não pode viver e contar como a antiga. Desde Heródoto, a história existe como discurso contra o esquecimento, como estratégia para conferir um *sentido*, uma plausível inteligibilidade inerente à vida e acontecimentos humanos. Para termos essa existência plena, semelhante à dos deuses gregos, imunes ao tempo, assumimos uma vigília sem noite a que chamamos história (...) Desta ilusão fundadora Hiroxima nos despiu”¹⁹.

Por isso, é impossível comemorar Hiroxima. Que os Estados Unidos não o façam por uma espécie de pudor, talvez se consiga um dia começar a perceber. Mas, e o Japão? De acordo com Eduardo Lourenço, “Hiroxima é um *não-lugar*, uma Pompeia fabricada de mão pensada pelos homens. Os Japoneses deviam tê-la conservado assim, arrasada, como Cartago pelos novos romanos, insuportável à vista e intolerável para o coração. Preferiram dissimulá-la e ninguém está no seu lugar para os julgar. Para sobreviverem incorporaram o *esquecimento* na sua história

privada. Sem o saberem, inauguraram a sério a lúdica era da pós-modernidade, que não é culto pedantismo de intelectuais europeus expulsos de uma história como fonte de sentido, mas tempo de gente que incorpora o *esquecimento-Hiroxima* por saber de mais, que sem ele desembocaria descalça num terraço com vista privilegiada sobre o nada. Aquele onde tão festivamente estamos”²⁰. E do qual, arriscaríamos nós, escada nenhuma nos parece permitir sair. Porque nós não queremos? Mas quem somos este nós?

Évora, 30 de Outubro de 2008

Bibliografia

LOURENÇO (1998), *O Esplendor do Caos (EC)*, Lisboa, Gradiva.

IDEM (1998), “À margem de um ano memorável”, *Visão*, Lisboa, 22/XII/1998, pp. 32-33.

IDEM (1998), entrevista por José Mário Silva, Revista *DNA, Diário de Notícias*, Lisboa, 22/III/1998, p. 14.

IDEM (2007), *O Nosso Tempo e o Tempo dos Outros, Lição Inaugural da Cattedra Eduardo Lourenço, Faculdade de Línguas e Literaturas estrangeiras da Università de Bologna*.

FRANCIS FORD COPPOLA (1982), *One From the Heart*, American Zoetrope.

¹ EDUARDO LOURENÇO, “À margem de um ano memorável”, *Visão*, Lisboa, 22/XII/1998, pp. 32-33.

² EDUARDO LOURENÇO, entrevista por José Mário Silva, Revista *DNA, Diário de Notícias*, Lisboa, 22/III/1998, p. 14.

³ EDUARDO LOURENÇO, *O Esplendor do Caos (EC)*, Lisboa, Gradiva, 1998, p. 9.

⁴ EDUARDO LOURENÇO, *O Nosso Tempo e o Tempo dos Outros*, Università de Bologna, 2007, p. 5.

⁵ *EC*, p. 11.

⁶ *EC*, p. 124.

⁷ FRANCIS FORD COPPOLA, *One From the Heart*, 1982.

⁸ *EC*, p. 38.

⁹ Cf. *EC*, p. 16.

¹⁰ *EC*, p. 32.

¹¹ *EC*, p. 40.

¹² *Ibidem*

¹³ *EC*, p. 100.

¹⁴ *EC*, pp. 22-23.

¹⁵ *EC*, p. 23.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *EC*, pp. 95-102.

¹⁸ *EC*, p. 98.

¹⁹ *EC*, p. 101.

²⁰ *EC*, p. 102.